



“SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO”

Um dos trechos mais conhecidos do poeta e dramaturgo William Shakespeare, proferido no ato III, cena I da peça – A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, apregoa uma profunda reflexão existencial. Trago a tona esta expressão como fio condutor deste editorial, que marca também uma nova fase-desafio da *Revista Sanare*.

Desde o nascimento deste periódico, a *Sanare* sempre esteve planejada para vãos altos e abrangentes, mas a construção de sua trajetória foi alicerçada de pilares coerentes com a ideologia de uma produção científica contextualizada e capaz de dialogar não somente com os sujeitos que compõem o campo científico, mas também que a produção deste periódico fosse capaz de atravessar o cotidiano das pessoas categorizadas de forma equivocada de senso comum.

Estou cada dia mais convencido de que vivemos um movimento de produtivismo científico e fetichismo do artigos enquanto conhecimento-mercadoria^{1,2}. E a *Sanare* enquanto periódico que almeja transitar no campo científico, não poderia deixar de ser influenciada por esse contexto, por mim considerado cruel e falível.

Sendo assim, me questiono como existir diante dos diversos determinantes e condicionantes que tensionam a produção de conhecimentos do contexto atual? A *Sanare* deve distanciar-se de promover e socializar conhecimentos capazes de comunicar, informar e formar para a sociedade e os diversos sujeitos que a compõem? Ou deve esquecer de adentrar essa seara complexa e competitiva e voltar-se unicamente a dialogar com os sujeitos e contexto local?

Confesso não ter até o momento respostas e nem mesmo sei se existem respostas certas e definitivas as minhas perguntas. Todavia tenho a certeza de que a trajetória percorrida pela *Sanare* não a permite retroceder.

A *Sanare* diante da dicotomia de ser uma revista que atende ao atual contexto da produção científica ou atender as necessidades de comunicar-se com os diversos sujeitos do conhecimento, tem em sua soma a essência do seu existir. Aproximando-se do conceito de *devenir* hegeliano³, em que somente a síntese do ser e não ser são capazes de construir um *vir-a-ser*.

Dessa forma, sugiro a mudança da conjunção coordenativa alternativa “OU” da famosa expressão shakespeariana por uma conjunção coordenativa aditiva “E”. Acredito firmemente na capacidade de diálogo e de trânsito da revista *Sanare* nesses dois mundos, com vistas a tensionar esta seara hegemônica da construção e socialização do conhecimento.

Ângelo Brito Rodrigues

Mestre em Saúde Pública - UFC

Professor Auxiliar I UFPI- Campus CAFS

REFERÊNCIAS

1. Trein, Eunice, Rodrigues, José. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. Revista Brasileira de Educação [Internet]. 2011 Dec [cited 2015 April 23]; 16(48), 769-792. . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000300012&lng=en&lng=pt.
2. Castiel Luis David, Sanz-Valero Javier. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica?. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2007 Dec [cited 2015 Apr 23]; 23(12): 3041-3050. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007001200026&lng=en.
3. Inwood Michael. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. (Col. Dicionário de filósofos).